



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda Monte Alegre, atual Santa Teresinha do Monte Alegre

código
AI - FO6 - Res

localização
RJ-161, sentido Bagagem - Capelinha, distrito de Pedra Selada

município
Resende

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária leiteira / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Resende



panorâmica da fazenda

coordenador / data **Raymundo Rodrigues – jan 2009**
equipe **Rodrigues, Ariel Rodrigues, Ian Pozzobon e Marcos Reco Borges**
histórico **Adriano Novaes**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

Passando pela lateral da Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN, no bairro Paraíso, em Resende, percorre-se cerca de 10 km pela rodovia RJ-161, sentido Bagagem e, antes da ponte que transpõe o rio Pirapetinga, entra-se à esquerda e segue-se mais 2km em estrada de terra, no sentido Capelinha, em área de várzea de onde é possível avistar a Fazenda Monte Alegre.

A fazenda está localizada no entorno da Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira – criada por decreto federal em 1985 e regulamentada pelo município de Resende no ano de 2001 – fazendo parte da micro-bacia do rio Pirapetinga, formada pelos rios Roncador, Santo Antônio, Riacho Monte Alegre, Rio da Pedra Preta e outros, bacia essa que passa pela Capelinha e tributa suas águas no Rio Paraíba do Sul.

Ao transpassar o córrego Monte Alegre é possível vislumbrar o conjunto arquitetônico da fazenda, destacando-se, no topo de pequena elevação, a primeira de uma série de morros e montes, que mais adiante dão forma aos contrafortes da serra da Mantiqueira, rumo à Pedra Selada e Bagagem (f01 e f02).

Ao entrar pelo portão, depara-se com diversas construções como algumas casas e uma escola, além de infraestrutura indicando que a fazenda estava produtiva até há pouco tempo (f03), como é possível comparar através de foto antiga (f04). Todo o conjunto está inserido num ambiente que, apesar de abandonado, apresenta rica e variada vegetação com frutíferas, árvores nativas e exóticas.

Continuando o percurso chega-se à base de um muro de arrimo e, através de escada, tem-se acesso a um platô e nele observa-se um agradável terraço que antecede a casa-sede da fazenda (f05 e f06).

Percorrendo a área adjacente ao muro, contornando-se a sede, é possível ficar à frente da capela, bem simples, que perdeu parte da cobertura e das paredes em tijolos maciços (f07 e f08).



01



02



03



04



05



06



07



08

Analisando as ruínas da sede da Fazenda Monte Alegre, nota-se que existem dois blocos distintos, sendo o da direita o bloco original da antiga sede, com toda a fachada principal, a lateral direita e a fachada posterior em alvenarias espessas. São alvenarias estruturais, sendo que, na lateral direita do bloco, se aproveita o desnível do terreno, transformando-se em sobrado. As alvenarias, tanto no nível inferior como no superior, são em pedra argamassada e adobes (f09 e f10), com largura de 60 cm, tendo em suas aberturas chanfros inclinados para maior incidência de luz para o interior.

Acima das vergas a alvenaria é composta por grandes adobes assentados em forma de parede e meia, sendo também em adobes as alvenarias onde o bloco antigo possui um pavimento. Os sistemas construtivos empregados nas alvenarias das construções comprovam a qualidade e a durabilidade dessas técnicas, apesar do atual estado de arruinação.

A parte inferior da padieira, estruturada em madeiras roliças, possui acabamento em estuque, confeccionado numa antiga técnica, que utiliza ripas delgadas feitas com madeira de coqueiro, formando estrutura para ancorar a argamassa de cal e areia (f11).

As portas e janelas presentes nas alvenarias de maior largura possuem ombreiras, parapeitos e vergas em madeira maciça na cor azul escuro. As janelas possuem guilhotinas na cores branca e azul, contando internamente com folhas cegas duplas em madeira (f12).



09



10



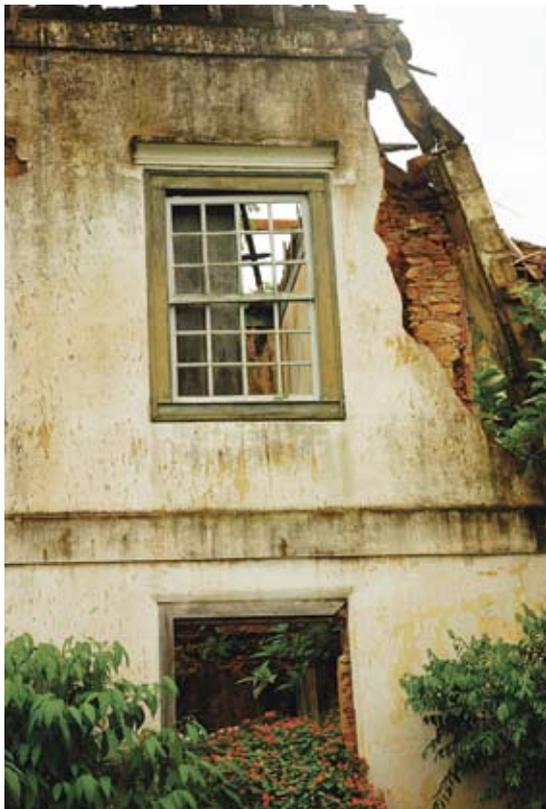
11



12

Essas janelas, externamente, são decoradas com cornijas executadas em argamassa (f13), e ainda janelas de feição eclética com a parte superior em vidro quadriculado e venezianas no tramo inferior (f14), certamente fruto de intervenções posteriores, quando da modernização da sede. As paredes de menor espessura têm janelas de abrir com venezianas, algumas guilhotinas, além de janelas metálicas.

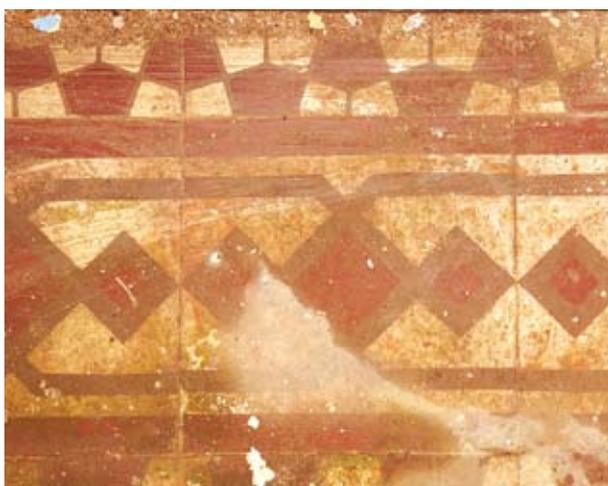
Nos revestimentos dos pisos foram encontrados ladrilhos hidráulicos, em várias padronagens e cores, tacos de madeira e ausência de piso na parte assobradada, que originalmente contemplava assoalho sobre barrotes lavrados (f15 e f16).



13



14



15



16

Nos resquícios dos forros prevalece a madeira na forma de lambris (f17) e, na ala mais nova, estuque confeccionado com tela metálica (tipo deployé) e argamassa. Esse procedimento é uma evidência da modernização da técnica original, já comentada, utilizada no acabamento das padieiras das aberturas mais antigas (f18).

A cobertura original, compatível com o sistema construtivo, tinha no manto telhas cerâmicas tipo capa e canal, que foram substituídas por telhas francesas, tendo como acabamentos dos beirais os caibros recortados com desenho imitando bocas de cachorro, mas executados de forma não correspondente à original deste tipo de beiral, que seria a posição dos caibros formando ângulo de noventa graus com relação à parede (f19). Já no bloco mais novo a estrutura remanescente nos remete a um beiral plano de madeira (na forma de lambris). No volume mais antigo não foram encontrados vestígios de beirais. (f20).

Os acréscimos e alterações que foram incorporados à construção ao longo de décadas, na perspectiva de sua modernização, resultaram no comprometimento da antiga ambiência do conjunto da casa-sede (f21). A alteração no desenho do telhado, criando uma empena na fachada frontal, em conjunto com a varanda, prejudicou a simetria da edificação e possibilitou o surgimento de patologias ao instalar uma calha no centro do bloco, dividindo-o em dois telhados, recurso que também foi adotado no bloco mais novo (f22). Essa divisão desarticulou a unidade e valorizou em demasia uma parte da construção em detrimento da outra, que constatamos ser a mais antiga, original da primeira fase de implantação da fazenda, de valor histórico e arquitetônico.

Apenas os currais são utilizados atualmente. Todas as demais instalações da propriedade estão sem uso, por ausência de condições. A atividade econômica desenvolvida no momento é a pecuária leiteira.



17



18



19



20



21



22

detalhamento do estado de conservação

A perda parcial e ou total das coberturas ocorreu com outras construções do conjunto e também na casa-sede, gerando deterioração generalizada que vêm colaborando com o desencadeamento de colapsos de elementos que compõe a construção, como portas, janelas, forros, pisos e paredes estruturais que estão se degradando pela ação das chuvas. O clima de abandono é completo, reforçado pelo acesso de animais às dependências das construções, pernitando e se abrindo das intempéries (f23 à f29).



23



24



25



26



27

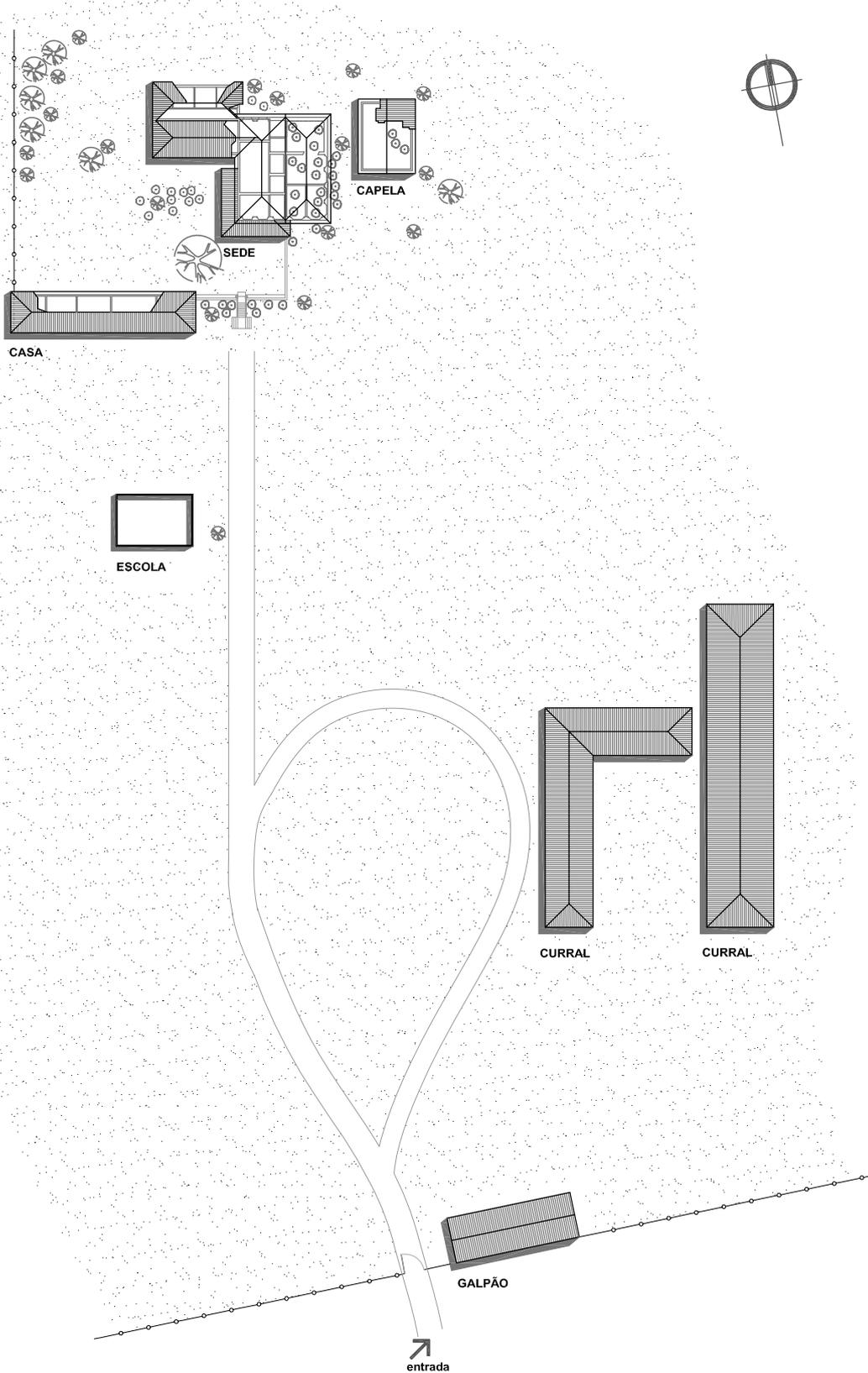


28



29

FAZENDA MONTE ALEGRE

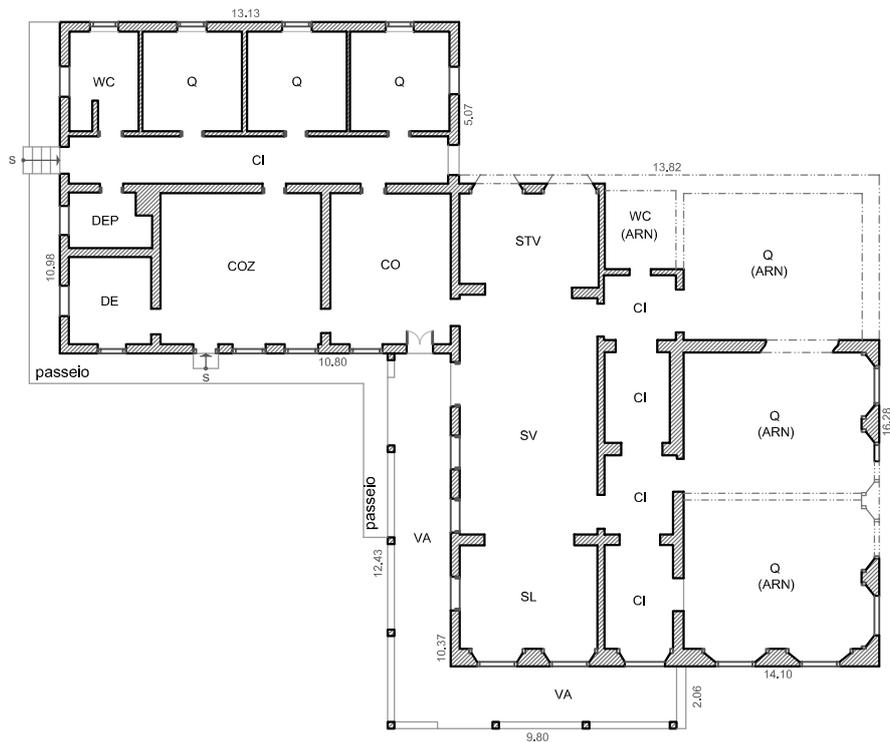


1 Implantação
escala: 1/1000

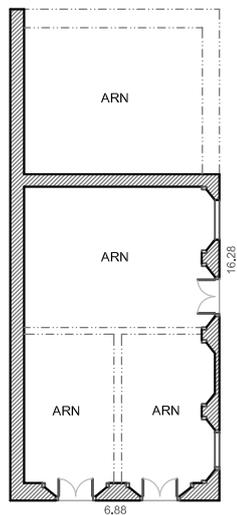


Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AI - F06 - Res	1/2
equipe: M. Borges / R. Rodrigues / A. Rodrigues / I. Pozzobon	desenhista: J. Coli	revisão: Francyla Bousquet	data: jan 2009

FAZENDA MONTE ALEGRE



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/250



1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/250



ARN - área em ruína	CO - copa	DE - despensa	Q - quarto	SL - sala de leitura	VA - varanda	alvenaria existente
CI - circulação	COZ - cozinha	DEP - depósito	SE - sala de estar	SV - sala de visita	WC - banheiro	alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AI - F06 - Res

2/2

equipe:
M. Borges / R. Rodrigues / A. Rodrigues / I. Pozzobon

desenhista:
J. Coli

revisão:
Francyla Bousquet

data:
jan 2009

A Fazenda do Monte Alegre é hoje, na história do Vale do Paraíba, quase que uma lenda. Sua importância está vinculada a uma família formada por homens de grandes iniciativas, que marcaram profundamente a história do café no Brasil: os “Pereira Barreto”, realizadores da famosa “Caravana Pereira Barreto”. Trata-se de uma verdadeira expedição conquistadora que se desloca de Resende em direção ao chamado “Oeste” paulista, em busca de um novo campo de ação. Foram os responsáveis pela Introdução do café Bourbon por todo o “Oeste” paulista, onde se espalhou vertiginosamente, trazendo a riqueza e a prosperidade que tomariam conta da economia da região e fazendo Ribeirão Preto se tornar o novo “Eldorado do Café”¹.

Tudo indica que os Pereira Barreto adquiriram a fazenda do Monte Alegre, por volta de 1849, através do casal patriarca da família, Fabiano Pereira Barreto e Francisca de Salles Barreto².

Em 1856, Monte Alegre contava uma área de meia sesmaria de meia légua em quadra, ou seja, 112,5 alqueires geométricos de terras. Somados aos sítios anexos, completava a área total de 300 alqueires. Comendador Pereira Barreto possuía também um sítio de cerca de 30 alqueires, na localidade de Serrote³.

Figura de maior projeção no cenário político e social de Resende, comendador Fabiano Pereira Barreto alcançou todos os mais importantes postos da representação política local. Era, acima de tudo, um homem de visão e empreendedor, que fez de sua fazenda do Monte Alegre, na então Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, um campo de demonstração prática da adaptação das terras às novas culturas, como a exploração do plantio de chá, do tabaco e a experimentação da cultura do café tipo Bourbon⁴, até então desconhecida no Brasil. Foi pai do ilustre Dr. Luis Pereira Barreto, considerado o primeiro agrônomo do Brasil, que escreveu uma série de artigos sobre as causas do declínio da cultura do café em terras fluminenses e sobre as vantagens da “terra roxa”, publicados no jornal “A Província de S. Paulo”, nos dias 2, 3, 5, 6, 7, 8 e 10 de dezembro de 1876⁵.

Comendador Pereira Barreto faleceu em 1877, na fase decadente da cultura do café, em Resende, quando a maioria de seus filhos já havia migrado para “Oeste” paulista seguindo a marcha do café. Sua viúva viveria ainda algum tempo, e seu filho, Rodrigo Pereira Barreto, permaneceria na fazenda até o início da década de 1880.

Em 1885, Monte Alegre consta como propriedade de “herdeiros de Joaquim Alves de Toledo”.

Ao longo do século XIX a fazenda Monte Alegre foi considerada a maior produtora de café do município de Resende, e nesta posição permaneceu até o fim do século. Em 1885 realizou-se em Resende a Exposição Regional que contou com a participação de 66 expositores resendenses, com produção entre 100 a dez mil arrobas de café. Destes 66 expositores, dois apenas possuíam a média de 10 mil arrobas para exportação. Um deles eram os proprietários da Fazenda Monte Alegre (WHATELY, 2003.p.122).

Na década de 1920 a fazenda pertencia ao empresário do setor de laticínios Abílio Marcondes Godoy, fundador da Usina Godoy & Fortes, em 1923. Monte Alegre integrava um complexo agrícola formado pelas fazendas: Santa Clara, Santo Antônio, Santa Mônica, Bahia, Piquete, Barra e Castelo, esta última residência da família Godoy.

Para comemorar, em 1927, os duzentos anos da chegada das primeiras mudas de café no Brasil, como também assinalar o primeiro local de expansão comercial do café, Resende foi escolhida pela Sociedade Fluminense de Agricultura e Indústrias Rurais para sediar a exposição. Participaram os maiores produtores resendenses, entre eles, o quarto colocado, o Coronel Abílio Marcondes de Godoy, com 10.400 arrobas (ARDHIS,2001, p.152).

No final da década de 1920, Monte Alegre teve novo proprietário, o Dr. Nestor Rodrigues Contreiras. Dentista pela Universidade de Quebec e Engenheiro Técnico Agrícola por faculdade de Paris, Dr. Contreiras desempenhou destacado papel na Revolução de 30 em Resende. Adquiriu Monte Alegre através da venda de suas fazendas no Uruguai. Organizou uma Coluna Revolucionária com seus empregados, em grande parte gaúchos, e dirigiu-se para Minas, onde a Revolução eclodiu forte. Após sua partida para Minas, sua fazenda do Monte Alegre foi saqueada por aventureiros oportunistas que, acompanharam a diligência policial, inclusive o seu cofre particular. No retorno a Resende, a Coluna possuía um efetivo de 7 oficiais e 350 homens, entre eles soldados da Polícia Militar de Minas. Contreiras requisitou a prisão do Delegado Macedo Costa, que mandara invadir sua fazenda. A Coluna Contreiras deixou Resende depois de dois meses de ocupação. Após a vitória da Revolução de 1930, o Dr. Contreiras continuou em Resende participando de sua política. Em 1934 fundou na cidade o Partido Integralista. Com o Estado Novo, foi determinado o fechamento da sede da Ação Integralista de Resende. Devido à sua ligação com o movimento integralista, Dr. Contreiras terminou preso e levado para Niterói, onde permaneceu um ano. Sua esposa vendeu a fazenda e voltou para o Uruguai com as filhas que nasceram no Rio de Janeiro e Resende (Yolanda e Beatriz) e foram batizadas na Capela Santa Teresinha, que mandara construir na fazenda. Essa Capela resultaria na mudança do nome de fazenda do Monte Alegre para a atual de “Santa Teresinha do Monte Alegre”. Dr. Contreiras faleceu em Pelotas, RS, em casa de seu filho Nestor Júnior, pobre, aos 85 anos em 1972⁶.

¹ “Assim, em janeiro de 1876, o coronel José Pereira Barreto, irmão de Luiz, seu filho Fabiano, o ‘Bizinho’, seu sobrinho Antônio de Paulo Barreto Ramos e seus irmãos Miguel Pedroso Barreto e Francisco Pereira Barreto, saíram em expedição para conhecer as terras do então “Oeste” paulista. Da Estrada de Ferro Pedro II, hoje Central do Brasil, seguindo até Cachoeira Paulista, ponto então terminal dessa via férrea. Ali chegados, em janeiro de 1876, acompanhados de escravos pagens, transportando enormes cargueiros, que haviam partido antes pela estrada de rodagem, margeando a várzea do Paraíba, prosseguiram até Jacareí, onde os aguardava o Dr. Luiz Pereira Barreto,

pronto para acompanhá-los às plagas tão faladas do “Oeste paulista”. Depois de uma demora de alguns dias em Jacareí, para descanso das fadigas que lhes trouxera a grande caminhada ao longo do Vale do Paraíba, os ilustres Barrettos, seguros no feliz êxito da aventura a que iam entregar-se, puseram-se de novo a caminho do “Oeste paulista”, através da expedição que integravam, depois conhecida como a : “Caravana Pereira Barretto”. Por José Eduardo de Oliveira Bruno/ <http://www.genealogiafreire.com.br/> visitado em 13 de maior de 2009.

² Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro. (1849). Eduardo Laemmert (org.). Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert

³ Livro de Registro Paroquial de Terras. Propriedade de Fabiano Pereira Barreto. Registro feito em 25 de fevereiro de 1856, no Livro 67, p.111v e 112. Registro nº 36. Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre. Resende. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

⁴ O café ‘Bourbon’ nasceu por experiência por hibridação do café Libéria com o café Comum, realizada pelo Dr. Luiz Pereira Barretto, na Fazenda Monte Alegre. Segundo José Eduardo de Oliveira Bruno, o seu irmão Francisco Pereira Barretto, encontrando-se no Rio de Janeiro, na residência de um amigo, conheceu o comandante de um navio cargueiro, que trouxera da África, embalagens de bambu com mudas de café Libéria, que tinha uma qualidade diferente do café vulgarmente conhecido no Brasil, que era o denominado como café Comum. <http://www.genealogiafreire.com.br/> visitado em 13 de maior de 2009.

⁵ Dr. Luis Pereira Barretto, que também era formado em medicina na Europa, escrevia em seus artigos que *“não se precisa ser profeta para avançar, sem receio de errar, que os seus dias estão contados e que o mais sombrio prospecto de futuro já ameaça e a domina efetivamente”* e generosos com a “terra roxa” *“... Não é possível deixar de ao menos assinalar a espessura da camada do terreno roxo. É esta espessura que torna as terras do Oeste sem rivais no mundo e que distância a perder de vista a sua lavoura da do resto do império”*. Por José Eduardo de Oliveira Bruno/ <http://www.genealogiafreire.com.br/> visitado em 13 de maior de 2009.

⁶ Grande parte destas informações foram retirada do sitio http://www.genealogiafreire.com.br/bopp/coluna_contreiras.htm . Visitado em 13 de maior de 2009.